



FACULDADE DE PINDAMONHANGABA
Michele Cristina Furini

**O PAPEL DO CONTO DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO INFANTIL**

Pindamonhangaba - SP
2009

O PAPEL DO CONTO DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Graduação pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Prof^a. Velta Vanessa Lima Lisboa

**O PAPEL DO CONTO DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO
INFANTIL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Velta Vanessa Lima Lisboa

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Dedico este trabalho a minha querida mãe Cinara Elena, o grande anjo da minha vida que não desistiu de mim, me dando seu incentivo e sua perseverança. Que lutou e buscou me auxiliar em tudo, me colocando em suas orações para que eu pudesse enfrentar as dificuldades com paciência e sabedoria.

Ao meu noivo Willian Diego que Deus colocou em minha vida, companheiro fiel que chorou comigo quando surgiam as adversidades.

Aos meus irmãos Pedro Henrique e Luis Gustavo, também minhas cunhadas Andréia e Tânia que sempre me motivaram em todos os momentos.

Agradeço a Deus que em suas promessas não me desamparou sendo fiel e segurando em minhas mãos na longa caminhada para que eu não desfalecesse.

Agradeço à minha amiga Jocimara Couto que sempre esteve ao meu lado, me confortando.

À Dona Cleonice mulher de fé, que gentilmente me colocou em suas orações. Em especial à minha orientadora Velta Vanessa Lima Lisboa que teve a árdua tarefa de me orientar, mas que com sua paciência e determinação me ajudou chegar a esta conquista.

**“Ao representar simbolicamente suas angústias,
os contos de fada ajudam as crianças a encontrar
o significado da vida”.**

(BETTELHEIM, 1980, p.13).

Resumo

Em cada um de nós existem contos que podem melhorar nossas vidas e as vidas dos que vivem a nossa volta; contos que nos trazem recordações, que nos alegram ou que nos entristecem; histórias que desafiam nosso imaginário. Nos contos de fada há um maravilhoso mundo onde as crianças partem de uma situação real e concreta, para viver emoções e experiências significativas através do imaginário, com seres encantados e elementos mágicos que encantam a todos. Esse trabalho busca mostrar que o conto ajuda a criança a enfrentar as dificuldades do cotidiano e desta forma, contribui para a sua transformação em meio à sociedade e conseqüentemente ao mundo. Por meio da linguagem dos contos, a criança cria uma ponte de significação do mundo exterior para seu mundo interior, trazendo para si, valores morais e sociais. Através dos contos de fadas experimentamos nossos sentimentos. Com isso a criança assimila e aprende a desejar com o possível a ser realizado e conhece seus medos, começa a formar seu caráter, senso crítico e principalmente experimenta a formação da meditação necessária para se tornar adulto.

Palavras chaves: Conto de fadas. Construção de caráter. Imaginação infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS AO LONGO DA HISTORIA.....	11
2.1 CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE FADAS.....	12
2.2 MORFOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS.....	12
2.3 O SIGNIFICADO OCULTO DOS CONTOS DE FADAS.....	13
2.4 A JORNADA INTERIOR.....	14
2.5 OS CONTOS DE FADA EM TRANSIÇÃO	16
2.6 ROMANCES PRECIOSOS	17
2.7 CONTOS DE FADAS PARA CRIANÇAS	17
3. A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL ATRAVÉS DOS CONTOS.....	19
3.1 A LITERATURA E OS ESTÁGIOS DE FORMAÇÃO PSICOLÓGICA DA CRIANÇA.....	22
4. OS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO.....	26
4.1 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.....	31
4.2 A IMAGINAÇÃO INFANTIL.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

Furini, Michele Cristina

Normas para apresentação de monográficas de conclusão de curso da Faculdade de Pindamonhangaba / Michele

Cristina Furini. – Pindamonhangaba – SP: FAPI – Faculdade de Pindamonhangaba, 2009.

30 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) FAPI – SP.

Orientador(a): Prof(a). Velta Vanessa Lima Lisboa

1 Introdução. 2 A origem dos contos de fadas ao longo da História. 3 A formação da personalidade infantil através dos contos. 4 Os contos de fadas no desenvolvimento do imaginário.
I O Papel dos Contos de Fadas na Construção do Imaginário.
II Michele Cristina Furini .

1 INTRODUÇÃO

Com o nascimento de uma criança, começa seu ciclo de aprendizagem a fim de formar sua personalidade e caráter. Desde os primeiros dias, aprendemos a satisfazer nossas necessidades, seja através do choro, de gritos; depois com gestos, palavras e, por fim, com ações inconscientes. A cada necessidade, a criança aprende a desejar e isso implica em sua solução para o desejo. Segundo Mendes (2000,p.37), “na luta pelo crescimento, a criança deve paulatinamente ir deixando o “princípio do prazer”, deve ir aprendendo a considerar realidade e a postergar a satisfação imediata dos impulsos instintivos”. É através dos contos de fadas que a criança aprende sobre processos interiores que ocorrem no âmago do sentir e do pensar.

Bruno Bettelheim (1980) diz que o conto de fadas tem um efeito terapêutico na medida em que a criança encontra uma solução para as suas dúvidas através da contemplação do que a história parece implicar acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento da vida. As crianças entendem a linguagem e simbologia dos contos. E no seu dia-a-dia inventam o “faz de conta” e tantos outros jogos que as divertem e distraem em tempos vividos entre a imaginação e a realidade. Elas precisam de contrapontos para posicionarem a sua própria vivência e o seu equilíbrio. E, por isso, não devemos “explicar” à criança o sentido dos contos de fadas. As imagens e as ações são “as palavras explicativas” dos contos de fadas.

Contos de fadas dão com opção não só o isolamento e a separação dos aspectos disparatados e confusos da experiência da criança em coisas ou situações opostas, como também projetam estes em figuras diferentes. Quem escreve e quem lê para crianças, nunca deve escrever ou contar por contar. É necessário exigir conflitos, confrontações, e aventuras – ou seja: sentido e ação. Afinal, isso faz parte da vivência humana. (BETTELHEIM 1980, p. 22).

Por tanto nesta pesquisa, embasei - me teóricamente nos seguintes autores: BETTELHEIM, CASHDAN, COELHO e MENDES, salientando além do citado acima , que a criança após atingir a idade adulta, ainda mantém seus contos de

fadas na medida em que trabalham com a idéia que os sonhos são manifestações de seu inconsciente.

O segundo capítulo apresenta a trajetória do conto de fadas, verificando suas origens e fundamentos ao longo da história.

O terceiro capítulo traz ao leitor a formação da personalidade infantil através dos contos de fadas.

O quarto e último capítulo ressaltam o contar histórias, descrevendo as finalidades e os benefícios que trazem para criança, a fim de construir seu imaginário.

2 A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS AO LONGO DA HISTÓRIA

Os contos de fadas têm origem Celta e surgiram como poemas que revelaram amores eternos, ou estranhos e até mesmo fatais. Entretanto, foram encontrados por estudiosos, registros de contos no período de antes do nascimento de Cristo, que seriam de origens orientais e que a partir da Idade Média foram conhecidas por fontes européias. Os contos de fadas tiveram origem tendo como característica uma variação do conto popular ou de fábulas. CASHDAN (2000, p.18).

A princípio, estes poemas eram independentes e mais tarde foram integrados como um ciclo novelesco, idealista, preocupado com os valores humanos. Historicamente, os contos clássicos nasceram na França no século XVII, na corte do rei Luís XIV e pela mão de Charles Perrault, inicialmente para falar aos adultos. Não foram escritos para crianças como pensamos, muito menos para ensinar valores morais, e sua forma original era de altas doses de adultérios, incestos, canibalismo e mortes hediondas em seus textos. CASHDAN (2000, p.18).

Podemos destacar que:

Originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam – não nas creches.

Por isso que muitos dos primeiros contos de fadas incluíam exibicionismo, estupro e voyerismo. Em uma das versões de Chapeuzinho Vermelho, a heroína faz um strip-tease para o lobo, antes de pular na cama com ele.

Numa das primeiras interpretações de A Bela Adormecida, o príncipe abusa da princesa em seu sono e depois parte, deixando-a grávida.

E no conto A Princesa que não conseguia rir, a heroína é condenada a uma vida de solidão porque, inadvertidamente, viu determinadas partes do corpo de uma bruxa. (CASHDAN, 2000, p. 20).

Esse contos tinham narrativa curta e transmitiam oralmente a saga do herói ou heroína em busca do bem ou mal e que vence os obstáculos enfrentados. É no envolvimento da magia, metamorfose ou encantamento que aparecem os mais diversos personagens, como o de animais falantes, que são muito mais comuns do que as próprias fadas em si. Exemplo: “Rapunzel”, “Branca de Neve e os sete anões”, “A Bela e a Fera”. CASHDAN (2000,p.18).

A palavra portuguesa “fada” vem do latim *fatum* = destino, fatalidade, fado e etc. Todas as fadas são pequenas benfeitoras fantásticas, parte do folclore europeu ocidental. Como citei anteriormente as primeiras referências às fadas surgiram embasando textos de origem céltica bretã. Podemos destacar nesta literatura o amor mágico e imortal ligado às figuras de fadas Morgana e Viviana, o que relativamente evidencia o auge das mulheres na cultura celta, detentoras de elevado crescimento e poder, maiores do que os povos contemporâneos. ABRAMOVICH (1997, p.16).

2.1 Características dos contos de fadas

Características existentes nos contos de fadas os diferenciam dos demais gêneros literários:

- Podem ter ou não a figura da fada, porém fazem uso de magia e encantamentos;
- Seu núcleo problemático é existencial (o herói ou a heroína buscam a realização pessoal)
- Os obstáculos ou provas constituem-se num verdadeiro ritual de iniciação para o herói ou heroína. CASHDAN (2000, p.19).

2.2 Morfologia dos contos de fadas

Em seu estudo sobre o conto maravilhoso, no qual estão incluídos os contos de fadas, PROPP (1996, p.29), afirma que se atribui frequentemente ações iguais a

personagens diferentes. As ações; que podem ser denominadas como funções; nos permitiriam estudar os personagens dos contos a partir delas”.

Com base nisto o autor elabora quatro teses principais:

- 1. Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam (essas funções formam as partes constituintes básicas do conto).**
- 2.O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado.**
- 3.A sequência das funções é sempre igual.**
- 4.Todos os contos de magia são monotípicos quanto a construção.**

Contudo, as teses de PROPP (1996, p.29), foram alvo de muitas críticas, principalmente pela divergência da idéias por parte do antropólogo Claude Lévi Strauss (1962). No ensaio “A estrutura e a forma”, ele diz:

O conto de fadas é narrativa explicitando funções, cujo número é limitado e cuja ordem de sucessão é constante. A diferença formal entre vários contos resulta em escolha, operada individualmente, entre as trinta e uma funções disponíveis e da eventual repetição de certas funções. Mas nada impede a realização de contos com a presença de fadas, sem que a narrativa obedeça à norma precedente; é o caso dos contos fabricados, dos quais podemos encontrar exemplos em Andersen, Brentano e Goethe. Inversamente, a norma poder ser.

2.3 O significado oculto dos contos de fadas

Ao longo dos últimos cem anos, os contos de fadas e seu significado oculto têm sido objeto da análise dos seguidores de diversas correntes da psicologia. CASHDAN (2000, p.27), por exemplo, sugere que os contos seriam "psicodramas da infância" espelhando "lutas reais". Segundo o autor supracitado, "embora o atrativo inicial de um conto de fada possa estar em sua capacidade de encantar e entreter,

seu valor duradouro reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento"

CASHDAN (2000,p.32) . prossegue em sua análise sobre a vinculação entre os contos de fadas e os conflitos internos infantis:

Cada um dos principais contos de fadas é único, no sentido em que trata de uma predisposição falha ou doentia do eu. Logo que passamos do "era uma vez", descobrimos que os contos de fadas falam de vaidade, gula, inveja, luxúria, hipocrisia, avareza ou preguiça - os "sete pecados capitais da infância". Embora um determinado conto de fada possa tratar de mais de um "pecado", em geral um deles ocupa o centro da trama.

O processo pelo qual as crianças podem utilizar os contos de fadas na resolução de seus problemas emocionais é pela oportunidade de criação e de imaginação que elas possuem e assim conseguem recriar os seus conflitos interiores. Quando elas ouvem um conto de fadas, inconscientemente projetam partes de si mesmas em vários personagens da história e os usa como repositórios psicológicos para elementos contraditórios do seu próprio eu. CASHDAN (2000,p.33)

2.4 - A jornada interior

Como seu núcleo problemático é existencial, os contos de fadas podem também ser encarados como "uma jornada em quatro etapas", sendo cada etapa da jornada, uma estação no caminho da autodescoberta".

Podemos assim classificá-las:

- a) TRAVESSIA: "leva o herói ou heroína a uma terra diferente, marcada por acontecimentos mágicos e criaturas estranhas".
- b) ENCONTRO: "com uma presença diabólica – uma madrasta malévola, um ogro assassino, um mago ameaçador ou outra figura com características de feiticeiro".
- c) CONQUISTA: "o herói ou heroína mergulha numa luta de vida ou morte com a bruxa, que leva inevitavelmente à morte desta última".

d) CELEBRAÇÃO: "um casamento de gala ou uma reunião de família, em que a vitória sobre a bruxa é enaltecida e todos vivem felizes para sempre". CASHDAN (2000, p. 48).

Embora a tradição oral céltica do "conto mágico" possa ser considerada muito antiga, talvez em milhares de anos, foi somente no século VII, com a transcrição do poema épico anglo-saxão Beowulf que ela começou a ter registro material. Porém, foi somente no século IX que as fadas começaram a ser descritas nas páginas dos Mabinogion, texto galês composto por quatro histórias distintas. E não foi só o surgimento das fadas, que se destacaram nestes contos, mas também a transformação das aventuras reais, que podem ter dado origem ao gênero lendário, ao Ciclo Arturiano CASHDAN (2000, p. 21).

Um dos quatro poemas narrativos que o compõe, "O Sonho de Rhonabry", descreve a luta do Rei Artur contra os romanos, que conta que após ser traído por seu sobrinho Morderete (posteriormente transformado num filho ilegítimo, Sir Mordred) e mortalmente ferido, o rei é levado pelas fadas para a mítica ilha de Avalon, onde elas residem. CASHDAN (2000, p. 21).

Em 1155, o Roman de Brut de Wace retoma as aventuras lendárias de Artur e seus cavaleiros e compõe a saga de Lancelot, onde encontramos a fada Viviana que cria, no lago onde vive, um menino encontrado por ela, abandonado e que, futuramente, se transformaria em Sir Lancelot, o Cavaleiro do Lago. Posteriormente, a personalidade de Viviana sofre transformações ao longo de diversas histórias: de protetora de Lancelot, torna-se companheira do mago Merlin e, finalmente, surge como uma "sedutora maligna" que aprisiona o mago num círculo mágico. CASHDAN (2000, p. 23).

Ainda no século XII, os Lais de Marie de France cumpriram o papel de diluir a cultura céltico-bretã pelas cortes de toda a Europa e facilitar sua absorção pelo cristianismo. Neste processo, no entanto, os mitos poéticos celtas gradualmente perderam sua dimensão sobrenatural. Embora, o cristianismo possua um forte elemento mítico, esta palavra adquiriu, após ele, um significado de "fantasioso, absurdo, não-histórico". Os culpados por isso teriam sido justamente os trovadores franco-normandos, que transformaram o que era originalmente uma "linguagem mágica" em vulgares romances de cavalaria. CASHDAN (2000, p. 24).

2.5 Os Contos de fadas em transição

A partir do século XVI, os contos de fadas (ainda pensados para adultos), começaram a ser reunidos em coletâneas, entre as quais se destacam:

- **Noites prazerosas**, de Straparola (século XVI): escritas por Gianfrancesco Straparola da Caravaggio em duas etapas (1550 e 1554). Ele reuniu nesta coletânea várias narrativas contadas nas diversas províncias italianas.

- **O conto dos contos**, de Basile (século XVII): coletânea escrita por Giambattista Basile, foi publicada pela primeira vez em Nápoles, em 1634. Nela, Basile recria contos de fada (ou "de encantamento") da tradição popular napolitana, tendo como narrativa-moldura a história de Zoza, uma princesa melancólica que nada fazia sorrir. O subtítulo da obra, *Pentameron*, é uma alusão ao *Decameron* de Boccaccio, e também ao fato de que a narrativa transcorre ao longo de cinco dias ("penta" = cinco). GRAVES (2003,p.16).

Dos contos de Basile saíram alguns outros posteriormente popularizados por Perrault: "Cogluso" é a base de "O Gato de Botas"; "Sole, Luna e Talia" deu origem a "A Bela Adormecida"; de "Zezolla" surgiu "A Gata Borralheira" etc. GRAVES(2003, p.17).

O Renascimento veria ainda o surgimento de várias outras obras influenciadas pela atmosfera mágica céltico-bretã. O próprio Shakespeare apresenta um rei dos duendes (Oberon), uma rainha das fadas (Titânia) e um duende (Puck) em sua peça "Sonho de uma noite de verão". Mesmo numa obra mais "séria", como "Romeu e Julieta", o Bardo introduz uma fada, a Rainha Mab. GRAVES (2003,p.17).

Seguindo esta tradição, que Camões apresenta em "Os Lusíadas" o episódio da *Ilha dos Amores*, uma reminiscência da ilha de Avalon e das Ilhas Afortunadas habitadas pelas fadas, que narra o acolhimento dos navegantes portugueses por "ninfas" após terem se empenhado em seus trabalhos. GRAVES (2003,p.18).

Entretando, já no final do século XVII este conteúdo feérico já havia perdido muito do seu significado mítico original e, cada vez mais passou a ser considerado apenas como uma relíquia esquisita da infância da humanidade GRAVES (2003, p.18).

2.6 Romances preciosos

No final do século XVII até pouco antes da Revolução Francesa no século XVIII, a decadência do racionalismo clássico influenciou o surgimento de uma literatura "extra-oficial" que celebrava a "exaltação da fantasia, do imaginário, do sonho, do inverossímil. Em sua produção e divulgação destacou-se o papel das preciosas, adjetivo dado a mulheres cultas que reuniam em seus "salões" a elite intelectual da época, para assistir a espetáculos de dramatizações de contos de fadas.

Uma das preciosas mais conhecidas, tanto por sua produção literária quanto por sua vida escandalosa, foi a jovem baronesa Madame D'Aulnoy, que em 1690 publicou o "romance precioso" História de Hipólito, onde há um episódio, a "História de Mira", protagonizado por uma fada. Mira transformou-se num sucesso e lançou moda na corte francesa, fazendo com que Madame. D'Aulnoy escrevesse mais oito romances feéricos entre 1696 e 1698, dentre os quais se destacam *Contos de Fadas*, *Novos Contos de Fadas* e *Ilustres Fadas*. Nas páginas destas obras surgem contos como "O pássaro azul", "A princesa de cabelos de ouro", "O ramo de ouro", posteriormente reaproveitados como literatura infantil.COELHO (1987, p.70).

Todo esse clima criado pelos romances preciosos, influenciou a elaboração de As mil e uma noites, no início do século XVIII, e perdurou até o final do século, quando, entre 1785 e 1789 foi publicada a série "Gabinete de Fadas - Coleção Escolhida de Contos de Fadas e Outros Contos Maravilhosos". Seus 41 volumes, escritos por vários autores, marcam o fim deste tipo de produção literária voltado exclusivamente para o público adulto. COELHO (1987, p.71).

2.7 Contos de fadas para crianças

Os contos de fadas, que atualmente são considerados clássicos, e que foram devidamente expurgados e suavizados, teriam nascido quase por acaso na França do século XVII, na corte de Luís XIV, pelas mãos de Charles Perrault. Para

Sheldon Cashdan (2000), em referência aos países de língua inglesa, a transformação dos contos de fadas em literatura infantil (ou sua popularização) só teria mesmo ocorrido no século XIX, em função da atividade de vendedores ambulantes ("mascates") que viajavam de um povoado para o outro "vendendo artigos domésticos, partituras e pequenos volumes baratos chamados de chapbooks". Estes chapbooks (ou cheap books, "livros baratos" em inglês), eram vendidos por poucos centavos e continham histórias simplificadas do folclore e contos de fadas expurgados das passagens mais fortes, o que lhes facultava o acesso a um público mais amplo e menos sofisticado. COELHO (1987, p.71).

3 A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL ATRAVÉS DOS CONTOS

O estímulo ao lúdico é benéfico na formação da personalidade das crianças é importantíssimo que, tanto em casa quanto na escola, ela tenha acesso aos contos de fadas, para que, os seus ensinamentos inserido em belíssimas histórias de vida, sejam essenciais para o crescimento e amadurecimento da criança.

Segundo BETTELHEIM (1980, p. 18), a fantasia ajuda formar personalidades e, nos tempos modernos, em que a tecnologia tomou conta do cotidiano da maioria das crianças, deixando-as sem estímulo, pois através dos brinquedos eletrônicos não se é necessário utilizar o raciocínio imaginário e estagnando o lúdico infantil, é crucial que a fantasia esteja presente no cotidiano infantil. Incentivar que a criança sinta vontade de ouvir ou ler algum conto de sua escolha, de forma natural; observar quais os parâmetros são usados como função social e formador da personalidade no conto de fada, sensibilizar e resgatar a imaginação perdida da criança, sendo formador da personalidade, faz com que se atinja o objetivo principal do conto. E também faz com que a criança se deixa envolver em algo maravilhoso, deixando fluir a fantasia, a magia e o belo, num momento de leitura natural e prazeroso.

Segundo o autor supra citado:

Enquanto diverte a criança, o conto esclarece sobre si mesma “favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferecem significados em tantos níveis diferentes e enriquecem a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça á multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança (BETTELHEIM, 1980. p. 20).

A literatura, em suas variáveis formas por si só é capaz de transmitir e despertar emoções, porque entre um conto e outro este passa sempre algum valor a ser seguido de forma sutil, tais como: amor, bondade solidariedade, esperança, amizade, promovendo assim um auxílio na formação do conceito de sentimentos.

Pode-se afirmar que os contos de fadas, em sua versão literária, agem com sutileza, como uma leitura recreativa e ao mesmo tempo formadora de seres mais humanizados, e que esses contos são uma referência em qualquer época, porque

desperta a principal emoção humana, ou seja, a fantasia ajuda a formar a personalidade e por isto não pode faltar na vida da criança.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias ...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é Ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.. (ABRAMOVICH, p. 17, 1997).

Sendo assim, o conto se lido ou ouvido de maneira agradável, ao mesmo tempo em que distrai o leitor, tende abordar as qualidades e os defeitos humanos, isto em clima de "Era uma vez...", sem tirar a magia de sonhar. Segundo a história em torno dos contos de fadas; por muito tempo acreditou-se na função social dos contos de fadas na literatura; principalmente no período em que se começou a ver a criança como criança e não como adultos em miniatura, pois estes eram direcionados as crianças com a finalidade de modificar o comportamento, reforçando modelos e valores sociais que eram apresentados a elas, como condutas a serem seguidas, onde o certo devia ser copiado e o errado evitado. (BETTELHEIM 1980, p. 27).

Os contos de fadas podem servir de mediadores na formação de valores nas crianças, conservando neles até a fase adulta, o sonho de manter acesa a chama vibrante, intensa e colorida da infância. Através dos contos de fadas, se existir um elo permanente entre a razão e a emoção para educar as crianças, numa era em que a tecnologia tomou conta do mundo, numa globalização onde o individualismo e a aparência teimam em ditar regras, seria uma valiosa contribuição para a formação de seus valores morais. É na infância que as crianças devem receber a transmissão desses valores, para que cresçam saudáveis, conscientes e com respeito a si mesmo e com os outros, usando os contos como mediadores, pois assim de maneira agradável sem impor o que esta criança deve ser ou fazer e através dos contos de fadas, elas aprenderão esses valores éticos e emocionais que irão transformá-las em adultos seguros de suas opiniões e atitudes. Os contos de fadas exercem uma influência muito benéfica na formação da personalidade porque, através da assimilação dos conteúdos da história, as crianças aprendem que é possível vencer obstáculos e saírem-se vitoriosas (o herói sempre vence no final).

Isso ocorre porque, durante o desenrolar da trama, a criança se identifica com as personagens e "vive" o drama que ali é apresentado de uma forma geralmente simples, porém impactante. Conflitos internos importantes, inerentes ao ser humano, como a inevitabilidade da morte, o envelhecimento, a luta entre o bem e o mal, a inveja, etc. são tratados nos contos de fadas de modo a oferecer desfechos otimistas. Desta forma, oferece à criança uma referência para elaborar o que habita seu imaginário, como seus medos, desejos, amores e ódios, etc., que na sua imatura perspectiva concreta apresentam-se amedrontadores e insolúveis. Esse aprendizado é captado pela criança de uma forma intuitiva (por estarem os elementos sempre carregados de simbolismo) tornando-se muito mais abrangente do que seria possível se fosse. BETTELHEIM (1980, p.28).

Segundo BETTELHEIM (1980), o efeito da compreensão meramente integradora que os contos de fadas têm sobre a personalidade é o fator responsável pelo fato de terem resistido à passagem do tempo e terem se universalizado. Acredita-se que, sem os contos de fadas, a passagem da infância até a maturidade estará condenada a ocupar um palco sombrio e triste, ocupado por seres mecanizados e frios, desprovidos de valores, como o amor, a solidariedade, coragem, humildade, fé, amizade; sem ter sentido o prazer apaixonante de viajar pelo mundo da imaginação, de viver a fantasia de ser o herói ou a heroína da história e descobrir a delícia de ser criança com sonhos e penetrá-los trazendo-os para sua realidade.

Cada vez mais surgem evidências de que os sistemas de crenças no imaginário produzem efeito decisivo sobre o funcionamento do ser humano, tanto psíquico quanto fisiológico, de modo que crenças que nos trazem esperança de vitória são de grande ajuda na superação de dificuldades, mesmo na vida adulta. Alguns autores vão mais além ao afirmar que, se por qualquer razão, uma criança for incapaz de imaginar seu futuro de modo otimista, ocorrerá uma parada no seu desenvolvimento geral. Trazer mensagens da vitória do bem sobre o mal é o que os contos de fadas fazem com maestria. Evocam sempre uma verdade atemporal. A criança, internamente, fará a transposição para a sua realidade atual. E em função de suas necessidades psíquicas momentâneas, reelaborando seus conteúdos internos através da repetição da estória. É, por isso, que tão comumente vemos as crianças pedirem a seus pais que repitam a mesma estória inúmeras vezes (ou desejam ver o mesmo filme repetidamente), que a contem novamente sem nenhuma modificação:

trata-se da referência que ela está usando para compreender-se, para elaborar suas angústias ainda não resolvidas. Além disso, a repetição lhe dá uma confirmação do conteúdo que ela está processando e precisará dessa confirmação até que o conflito interno esteja solucionado. Só então deixará de solicitar aquela estória. Desde modo, pode-se dizer que embora a criança saiba que o que está lendo não é verdadeiro, a magia dos contos envolvem-nas, contagiando e assim levando-a a acreditar no maravilhoso conto de fadas, na fantasia e nos sonhos ali depositados.

Fonte ano

À luz da psicanálise, os contos de fadas revelam os conflitos de cada um e a forma de superá-los e recuperar a harmonia existencial. Assim, a tão famosa dicotomia entre o bem e o mal, presta-se numa terapia, a uma análise mais contundente da personalidade, na qual se permite trabalhar com sentimentos inconscientes que revelam a verdadeira personalidade. Deste modo, a Literatura para crianças deve obedecer as diferentes fases de seu desenvolvimento, e para isso deve ser rica de colorido, de otimismo, natureza, dignidade, de amor e de beleza, porém deve ser dosado de acordo com a idade que ela tiver, a fim de formar o conhecimento através das diferentes fases de sua vida. BETTELHEIM (1980, p.28)

3.1 A literatura e os estágios de formação psicológica da criança

Durante o seu desenvolvimento, a criança passa por estágios psicológicos que precisam ser observados e respeitados no momento da escola de livros para ela. Essas etapas não dependem exclusivamente de sua idade, mas de acordo com COELHO (1987) do seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual e seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura. Neste sentido, é necessária a adequação dos livros às diversas etapas pelas quais a criança normalmente passa. Existem cinco categorias que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

O pré-leitor: categoria que abrange duas fases:

- Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos). Nesta fase a criança começa a reconhecer o mundo ao seu redor através do contato afetivo e do tato. Por este motivo ela sente necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance. Outro momento marcante nesta fase é a aquisição da linguagem, onde a criança passa a nomear tudo a sua volta. A partir da percepção da criança com o meio em que vive, é possível estimulá-la oferecendo-lhe brinquedos, álbuns, chocalhos musicais, entre outros. Assim, ela poderá manuseá-los e nomeá-los e com a ajuda de um adulto, poderá relacioná-los propiciando situações simples de leitura.

- Segunda infância (a partir dos 2/3 anos) É o início da fase egocêntrica. Está mais adaptada ao meio físico e aumenta sua capacidade e interesse pela comunicação verbal. Como interessa-se também por atividades lúdicas, o “brincar” com o livro será importante e significativo para ela. Nesta fase, os livros adequados, de acordo com ABRAMOVICH (1997,p 33.), devem apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem que deve sugerir uma situação. Não se deve apresentar texto escrito, já que é através da nomeação das coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros.

Livros que propõem humor, expectativa ou mistério são indicados para o pré-leitor. A técnica da repetição ou reiteração de elementos são, segundo COELHO (1987, p.34), “favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado”.

- O leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos). Essa é a fase em que a criança começa a apropriar-se da decodificação dos símbolos gráficos, mas como ainda encontra-se no início do processo, o papel do adulto como “agente estimulador” é fundamental. Os livros adequados nesta fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito. Histórias engraçadas, ou que o bem vença o mal atraem muito o leitor nesta fase.

Indiferentemente de se utilizarem textos como contos de fadas ou do mundo cotidiano, de acordo com COELHO (1987, p. 35) “eles devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir”.

- O leitor-em-processo (a partir dos 8/9 anos). A criança nesta fase já domina o mecanismo da leitura. Seu pensamento está mais desenvolvido, permitindo-lhe realizar operações mentais. Interessa-se pelo conhecimento de toda a natureza e pelos desafios que lhes são propostos. O leitor desta fase tem grande atração por textos em que haja humor e situações inesperadas ou satíricas. O realismo e o imaginário também agradam a este leitor. Os livros adequados a esta fase devem apresentar imagens e textos, estes, escritos em frases simples, de comunicação direta e objetiva. De acordo com COELHO (1987), deve conter início, meio e fim. O tema deve girar em torno de um conflito que deixará o texto mais emocionante e culminar com a solução do problema.

- O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) O leitor fluente está em fase de consolidação dos mecanismos da leitura. Sua capacidade de concentração cresce e ele é capaz de compreender o mundo expresso no livro. Segundo COELHO (1987) é a partir dessa fase que a criança desenvolve o “pensamento hipotético dedutivo” e a capacidade de abstração. Este estágio, chamado de pré-adolescência, promove mudanças significativas no indivíduo. Há um sentimento de poder interior, de ver-se como um ser inteligente, reflexivo, capaz de resolver todos os seus problemas sozinhos. Aqui há uma espécie de retomada do egocentrismo infantil, pois assim como acontece com as crianças nesta fase, o pré-adolescente pode apresentar um certo desequilíbrio com o meio em que vive. O leitor fluente é atraído por histórias que apresentem valores políticos e éticos, por heróis ou heroínas que lutam por um ideal. Identificam-se com textos que apresentam jovens em busca de espaço no meio em que vivem, seja no grupo, equipe, entre outros. É adequado oferecer a esse tipo de leitor histórias com linguagem mais elaborada. As imagens já não são indispensáveis, porém ainda são um elemento forte de atração. Interessam-se por mitos e lendas, policiais, romances e aventuras. Os gêneros narrativos que mais agradam são os contos, as crônicas e as novelas.

- O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos). Nesta fase é total o domínio da leitura e da linguagem escrita. Sua capacidade de reflexão aumenta, permitindo-lhe a intertextualização. Desenvolve gradativamente o pensamento reflexivo e a consciência crítica em relação ao mundo. Sentimentos como saber, fazer e poder são elementos que permeiam o adolescente. O convívio do leitor crítico com o texto literário, segundo COELHO (1987, p. 40) “deve extrapolar a mera fruição de prazer

ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura”. O leitor crítico continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior, porém, é necessário que ele se aproprie dos conceitos básicos da teoria literária.

De acordo com COELHO (1987, p. 40) a literatura é considerada a arte da linguagem e como qualquer arte exige uma iniciação. Assim, há certos conhecimentos a respeito da literatura que não podem ser ignorados pelo leitor crítico.

4 OS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO

Desde os primórdios da humanidade, contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e valores humanos. Essa atividade tão simples, mas tão fundamental, pode se tornar uma rotina banal ou representar um momento de excepcional importância na educação das crianças.

O estudo e a discussão em torno da adequação e da validade da narrativa de contos de fadas para crianças, especialmente para crianças pequenas, vêm perdurando por gerações e gerações de professores, psicólogos, psicanalistas como também entre orientadores educacionais e pedagógicos. Os artistas que trabalham em espetáculos infantis também discutem a questão, e os pais sentem-se atordoados diante da diversidade de opiniões ouvidas e da amplitude das divergências apresentadas. BETTELHEIM (1980, p.15).

Há quem seja contra e quem seja a favor dos contos de fadas. Há quem considere encantadores os mitos e as lendas, como há quem os rejeite como mórbidos e perturbadores, mas atualmente não há mais quem discuta sua importância, sua atuação decisiva na formação e no desenvolvimento do psiquismo humano.

Diz BETTELHEIM (1980, p.16):

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento - separar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que se está passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ajuda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

Aqueles que combatem os contos de fadas supõem que a violência das situações que neles se apresentam habitualmente, a personificação do bem e do mal em determinadas personagens, as soluções mágicas para os problemas mais complexos e toda a tensão emocional provocada pela narrativa desses contos vão proporcionar às crianças uma visão muito negativa da realidade, um contato desnecessário com o “lado negro” do homem, talvez até uma mobilização para as pequenas e as grandes maldades que podem ser feitas com outras pessoas. Muitos acreditam que, para as crianças mais sensíveis a narrativa dos contos de fadas pode provocar sofrimentos e angústias, que poderão repercutir negativamente na sua vida futura, gerando muitos medos e inseguranças. Já para Bettelheim, através dos contos de fadas, se revelam nessas histórias arcaicas, na força e na coragem que podem surgir, exatamente, pelo impacto do encontro direto com a fraqueza, o desamparo, o medo, a necessidade de luta para alcançarmos nossos objetivos. BETTELHEIM (1980, p. 20).

Segundo BETTELHEIM (1980, p. 21), os acontecimentos objetivos da vida da humanidade são a nossa história, as vivências interiores criaram as estórias. A história fala-nos dos acontecimentos conhecidos da realidade externa, do desenrolar dos fatos que foram sendo registrados nas comunidades e que explicam, em parte, como se efetivaram as realizações culturais dos grupos humanos, como se estabeleceram os grupos étnicos, como se definiram as nações. As estórias falam-nos da realidade interior na construção das nossas culturas, de como se constituíram as estruturas psicológicas das pessoas e dos grupos humanos. As histórias de ficção, e muito especialmente as narrativas que vêm do folclore, os mitos, as lendas, os contos de fadas, se apresentam como a maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar aquelas experiências que não encontram condições de se explicar no esquema lógico-formal da narrativa intencionalmente objetiva. A ficção objetiva os fatos e as verdades que não podem ser expressos pela razão, que não são identificados pela lógica. E é por isso que as histórias são tão temidas, e é também por isso que são tão importantes.

Para BETTELHEIM (1980,p. 22), os contos de fadas são narrativas simbólicas extremamente simples, primitivas, capazes de transmitir experiências subjetivas complexas e vivências emocionais delicadas às pessoas mais ingênuas e às crianças. As lendas e as histórias de fadas são incluídas hoje no acervo básico

da literatura infantil porque as crianças se apossaram delas, enquanto o público mais sofisticado as considerava uma literatura de menor significado. Mas não há quem desconheça o quanto os grandes artistas, inclusive escritores de todos os tempos, buscaram e buscam inspiração constantemente nas manifestações mais primitivas da sua cultura, no folclore. Hoje em pleno século XXI os contos maravilhosos ainda têm algo a nos dizer? Com certeza! “O que nelas parece apenas infantil, divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida” COELHO (1987,p. 09). Em nossa sociedade os contos de fadas ganharam um nova roupagem indo além do prazer da leitura, pois com a “descoberta” de sua importância simbólica, do lúdico, da imaginação e da fantasia proporcionamos a construção de uma personalidade sadia na criança.

Além dos tradicionais contos de fadas, encontramos autores que se apropriam dos personagens ou situações dos contos de fadas, para recriarem novos textos simbólicos, como: “O menino e o Lobo”, “A fada que tinha idéias”, “A fada desencantada”, “A verdadeira história dos três porquinhos”, “Chapeuzinho amarelo”, entre muitas outras. COELHO (1987,p. 10).

O conto popular maravilhoso é justamente o mais amplo e mais expressivo, pois ele nos traz informações históricas, etnográficas, sociológicas, e jurídicas. É um documento vivo, mostrando costumes, idéias, decisões e julgamentos da Humanidade em um determinado momento histórico. Para todos nós é o primeiro “leite intelectual”, os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, e compaixão vêm com as histórias fabulosas, ouvidas na infância.

De acordo com COELHO (1987), os contos de fadas surgiram como forma de produção e organização social pré-capitalista. Eles representam em seus personagens valores burgueses que surgiram e se consolidaram entre os séculos XVII e XIX.

O Gato de Botas é o pícaro, pois tira proveito da corrupção social. O Pequeno Polegar é o anão astuto que vence gigantes bobos. Perraut, também utiliza em seus contos o confronto dualista entre bons e maus, feios e belos, fracos e fortes, como exercício de crítica a corte, onde personagens pobres superam a nobreza com sua inteligência. “A presença da fada unívoca do narrador nos contos de fadas sugere

um modelo fechado de narrativa que, por sua vez, reproduz uma realidade sociocultural também fechada. Mas eles apresentam o confronto entre, geralmente, duas posições: A dos que dominam, e a dos são dominados” (MENDES, 2000, p.19). Os contos de fadas são caracterizados por um único traço, e quando este é muito repetido, faz com que surja um esteriótipo, onde a bruxa será sempre um personagem maravilhoso, a serviço do mal; a fada sempre bondosa; o sapo vai virar príncipe; os gênios ora são bons ora maus (os magos são de origem pagã e exibem sabedoria); reis e rainhas podem usar seus poderes tanto para o bem, quanto para o mal, reproduzindo sempre valores clássicos, significam a fantasia do poder e os conflitos dos relacionamentos interpessoais; príncipes e princesas estão ligados a aventuras, e são transgressores. A princesa é caracterizada por sua função social ligado ao cuidar da casa e da família, são bonitas, honestas, e piedosas, e por isso merecem como prêmio seu príncipe encantado.

O Pinóquio, o qual podemos comparar como a volta do filho pródigo sustentado pela Bíblia. A história possui forte cunho moralista e Pinóquio alterna situações de infração , punição e salvação. Como prêmio pelo seu bom coração acaba transformado em um menino de verdade, perdoando-o as estrepolias do passado, e ao mesmo tempo ganha bens materiais como um quarto bem equipado, e também recupera a saúde de seu pai. “Os contos, representam valores que se cruzaram através de ciclos históricos, assim, podem significar ritmos de iniciação, e a luta mítica entre forças da natureza (CARDOSO,1988, p. 24).

Os personagens maravilhosos seguem inúmeras funções, tanto dentro da narrativa eminentemente lúdica, quanto à de denúncia social. As soluções maravilhosas são hoje questionadas por sociólogos, lembrando o estímulo à alienação provocada por resoluções mágicas, que são defendidas pela psicanálise mostrando a possibilidade de resoluções de problemas reais, através da representação simbólica. A criança aparece pouco, ou simbolizando o bom sendo e a inteligência, ou aparece como vítima da autoridade familiar. Há alguns aspectos bem interessantes a considerar quando pretendemos nos deter na reflexão e no estudo dos contos de fadas. Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito antigos do psiquismo humano. Mas porque arcaicos não deixam de ser atuais, talvez até extremamente atraentes e instigadores porque mostram o que se evita

manifestar nas nossas sociedades contemporâneas: a raiva, a inveja, a mentira, também o amor, a fidelidade, a generosidade, com suas enormes conseqüências no viver humano. Nesse sentido, esses contos, como as lendas e os mitos, estão associados de princípios éticos universais. Outro aspecto extremamente importante a considerar é que os contos de fadas, sob múltiplas variações, apresentam sempre uma mesma estrutura e temática: falam da busca da totalidade psíquica, da plenitude do ser. Todo conto de fadas gira em torno de um herói ou heroína que apresenta sua origem: pai, mãe, terra, cultura. O herói ou heroína vivem sempre dificuldades grandes e chegam a um momento de impasse em que alguma coisa extraordinária precisa acontecer para que haja uma solução satisfatória. Entram então em ação múltiplos poderes naturais e sobrenaturais ou mágicos, tanto do lado do bem como do lado do mal: inimigos terríveis, companheiros fiéis, personagens imbuídos de insegurança, de esperteza, de coragem, figuras transcendentais como fadas, anjos, demônios e dragões. A luta é sempre extremamente difícil, mas, ao final, faz-se a justiça, encontra-se a paz, a harmonia, vence o bom e o bem. MENDES (2000, p. 22).

Todo conto de fadas constitui-se como uma “saga de herói”. No desenvolvimento da história, vai-se delineando a luta do herói que não se apresenta, inicialmente, como uma proposta em que todos os elementos da situação lhe estão naturalmente apresentados; ao contrário, no decurso da sua própria ação ele tem de descobrir os elementos que lhe faltam para compreender o processo em que está inserido e, assim, poder construir situações novas que possam vir a lhe favorecer na luta pelos seus objetivos. Nessa luta, vão sempre aparecer dificuldades extraordinárias que exigirão muita disposição e astúcia para ser contornadas e vencidas – esta é a saga do herói, de cada um de nós, que, ao final, deveria ser culminada pela possibilidade de vencer todas as dificuldades.

Nesse sentido, cada uma dessas histórias é um estímulo encorajador na luta da vida, em que se valorizam os princípios éticos na relação com o outro: o Mal é denunciado, e o personagem mau é castigado; o Bem é valorizado, e o personagem bom é premiado. A proposta e a realização básica são sempre de plena vitória final do bom e do Bem. CASHDAN (2000, p. 19).

Assim COELHO diz: (1987, p. 46):

Mitos e contos de fadas dão expressão a processos inconscientes, e sua narração provoca a revitalização desses processos, restabelecendo a conexão entre o consciente e o inconsciente.

COELHO (1987,p. 45) entende que o sonho é uma forma de representação simbólica dos processos psíquicos individuais e entende o mito, a lenda e o conto de fadas como representações simbólicas de processos psíquicos coletivos. E o educador é peça primordial nesse processo, pois através do empenho dos que trabalham com educação, pode – se proporcionar condições que favoreçam a integração psicológica.

4.1 A Arte do contar histórias

A história é uma narrativa que se baseia num tipo de discurso calcado no imaginário as fábulas, os contos, as lendas são organizados de acordo com o repertório de mitos que a sociedade produz. Quando estas narrativas são lidas ou contadas pelo educador para uma criança, abre-se uma oportunidade para que estes mitos, tão importante na construção de sua identidade social e cultural, porém há uma diferença muito grande entre ler e contar uma história. Um texto escrito segue as normas da língua escrita, que são completamente diferentes daquelas da linguagem falada. Quando uma criança ouve a leitura de uma história ela guarda para si somente as funções sintáticas da língua, além de aumentar seu vocabulário e seu campo semântico. Porém, aquele que lê a história deve dominar. A arte de contá-la, estar preparado suficientemente para fazê-lo com apoio no texto, sabendo utilizar o livro como acessório integrado à técnica da voz e do gesto. Além disso, quem lê para uma criança não lhe transmite apenas o conteúdo da história; promovendo seu encontro com a leitura, possibilita-lhe adquirir um modelo de leitor e desenvolve nela o prazer de ler e o sentido de valor pelo livro. ABRAMOVICH (1997, p. 41)

A história, como já foi dito, possibilita a articulação entre objetividade e subjetividade, espaço “entre” no qual se situa o trabalho psicopedagógico. É, portanto, um recurso que pode ser usado tanto no diagnóstico como na intervenção psicopedagógica. O conteúdo mítico, as ações praticadas pelos personagens, os valores morais implícitos na narrativa, permitem projeções que facilitam a elaboração de questões emocionais, muitas vezes expressas como sintomas que se apresentam na aprendizagem. A compreensão dos enredos, a análise dos conteúdos, a estrutura lingüística subjacente ao texto, permitem ao educador investigar questões cognitivas presentes nas dificuldades do processo de aprendizagem. Se a criança pode aprender, por meio deles, a identificar e a reconhecer, nos outros e em si mesma, pensamentos e sentimentos que ajudam ou atrapalham sua relação consigo mesmo e com os outros, se aprende a conviver com naturalidade com fortes elementos do inconsciente da humanidade e do seu próprio inconsciente, o educador estará lhe oferecendo melhores condições para crescer e amadurecer por meio da narrativa e da reflexão dos contos de fadas. Por tanto, esta proposta poderia e deveria ser um trabalho sistematizado e permanente, e as pessoas incumbidas de realizá-lo (professores, orientadores, psicólogos e artistas) precisariam ter, elas mesmas, um desenvolvimento pessoal e uma intimidade com seus próprios inconscientes, para poderem favorecer (ou, pelo menos, não atrapalhar) o encontro das crianças com seu mundo interno. Como recurso psicopedagógico o papel dos contos de fadas é abrir espaço para a alegria e o prazer de ler, compreender, interpretar a si próprio e à realidade. MENDES (2000, p.37).

4.2 A Imaginação Infantil

Uma criança tem sua imaginação podendo ser comparada a um rio, quando uma pedra é jogada no rio, ondas circulares se formam ao redor e vão se movimentando e atingindo correntes de águas cada vez mais longe. A pedra ao mergulhar vai assustando peixes, atraindo curiosos, e mudando a rotina do local, mesmo que por

pouco tempo. A criança ao ouvir contos de fadas, transforma em pedra cada uma das histórias que lhe são contadas, trazendo lembranças, sonhos, desejos, personagens, dúvidas, medos e associações. MENDES (2000, p.15).

POSTIC (1993, p. 19), explica que imaginar não é só pensar, não significa apenas relacionar fatos, e analisar situações, tirando-lhe significados. “imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão. Esta só poderá ser comunicada ao outro através de símbolos, que provocam harmônicos e estabelecem a comunhão. O símbolo age como mediador para revelar ocultando, ocultar revelando, e ao mesmo tempo incitar à participação que, embora com impedimentos e obstáculos, fica favorecida”.

Em seguida POSTIC (1993, p. 22), apresenta-nos a função da imaginação: “A função da própria imaginação é a visão de realidades e possibilidades que não se mostram nas condições normais da percepção visível. Seu objetivo é penetrar claramente no remoto, no ausente, no obscuro. Não só a história contém uma quantidade de argumentos sobre os quais a imaginação deve operar, para que possam ser “compreendidos” e completa; “A função criativa da imaginação pertence ao homem comum, e é essencial para descobertas bem como para o nascimento da obra de arte, é realmente condição necessária da vida cotidiana”.

No conto, um personagem é um símbolo, que irá enriquecer a identidade da criança, porque ela irá experimentar outras formas, de ser e de pensar, possibilitando a ampliação de suas concepções sobre o meio, pois no faz de conta a criança desempenha vários papéis sociais, e aprende com eles, e ela os imita para compreendê-los. Quando a criança entra no “mundo” da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela elabora hipóteses para a resolução de seus problemas e toma atitudes do adulto indo além daquelas de sua experiência cotidiana, buscando alternativas para transformar a realidade. No faz de conta, seus desejos podem facilmente ser realizados e quantas vezes a criança desejar, criando e recriando situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior. MENDES (2000, p. 12).

Segundo BETTELHEIM (1980, p. 89):

A criança precisa compreender seu inconsciente, para poder dominar seus problemas psicológicos de crescimento, superar suas decepções narcisistas, dilemas édipicos, ser capaz de abandonar dependências infantis, obtendo um sentimento de individualidade e valorizando-se.

Segundo VYGOTSHY (1998,p.25), o pensamento progride de forma linear. A imaginação se processa em espiral, por alargamento de seu espaço. Ela não se dirige para níveis mais diferenciados, mais especializados, estende-se por extensão e por conquista de novos territórios. E VYGOTSHY continua: contribui com seus estudos do brincar, afirmando que ele irá permitir que a criança aprenda e elaborar e resolver situações conflitantes que vivência ou vivenciará no seu cotidiano. Para isso, a criança usará suas capacidades básicas como a observação, imitação e imaginação.

A imaginação criativa reforça VYGOTSHY (1998, p. 28), manifesta-se nas brincadeiras dos animais: assim manifestam-se ainda mais na vida infantil. A brincadeira, o jogo não é uma simples recordação de impressões vividas, mas uma reelaboração criativa delas, um processo através do qual a criança combina entre si os dados de experiência no sentido de construir uma nova realidade, correspondente às suas curiosidades e necessidades”.

Quando VYGOTSHY discute o papel do brinquedo refere-se especificamente à brincadeira do faz de conta, como o brincar de casinha, de escolinha, de cavalo com o cabo da vassoura, entre outras. Faço relação com Vygotsky, porque o faz de conta, do conto de fadas é também um jogo lúdico, e faz parte do brincar. As crianças amadurecem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções das brincadeiras de outras crianças e adultos. No princípio suas imitações poderão ser simples, de acordo com a idade, e a experiência de vida de cada criança, mas com o passar do tempo, (e com o desenvolvimento das atividades programadas), o faz de conta da criança fica mais elaborado.

Para VYGOTSHY (1998, p. 34) ao reproduzir o comportamento social do adulto em seus jogos, a criança esta combinando situações reais com elementos de sua ação fantasiosa. Esta fantasia surge da necessidade da criança de reproduzir o cotidiano da vida do adulto da qual ela ainda não pode participar como gostaria. Contudo, esta elaboração no faz de conta necessita de conhecimentos prévios do mundo que a cerca, portanto, quanto mais ricas forem suas experiências, mais informações a criança irá dispor para materializar em seus jogos lúdicos.

A brincadeira e o faz de conta criam o desenvolvimento Proximal na criança, que através da mediação de colegas, família, e educadores, a criança irá passar para o desenvolvimento potencial. No faz de conta, a criança passa a dirigir seu comportamento pelo mundo imaginário, isto é, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias. Assim do ponto de vista do desenvolvimento o jogo do faz de conta pode ser considerado um meio para desenvolver o pensamento abstrato, em que a imaginação é uma ação, sendo ela concreta ou não, mas acima de tudo é algo em permanente amadurecimento, e não uma coisa, “A imaginação da criança, estimulada a inventar palavras, aplicará seus instrumentos sobre os traços da experiência que provocarão sua intervenção criativa”. VYGOTSHY (1998, p. 19), fala nos sobre o contato com as histórias, sendo que elas não somente ampliam o horizonte cultural das crianças, e promovem seu enriquecimento lingüístico e literário, mas também colocam em doação, a disponibilidade do contador, contemplando a equilibrada formação das crianças em sua relação com eles mesmos e com o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura através dos contos de fadas é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e o prazer de ler continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro e talvez mais importante é determinado pela “atmosfera literária” que a criança encontra em casa. Quem houve histórias desde cedo e tem contato direto com livros, sendo estimulado, terá um desenvolvimento em seu vocabulário, bem como aprenderá a se conhecer melhor e também o mundo à sua volta. A criança que lê com maior desenvoltura aprende através de um livro a conhecer seus desejos, sonhos, medos e etc. Aprende mais facilmente, se identifica com o herói do livro, raciocina como ele resolverá determinada situação e aprende a diferenciar o bem do mau.

A criança interessada em aprender, se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada à motivação. O fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a se desenvolver através da leitura.

Professores que oferecem um conto agradável desenvolverão na criança mecanismos de conhecimento interno, além de sua experiência cotidiana.

Através dos contos, a criança pode realizar seus desejos, lógico que é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra. O equilíbrio de um programa de leitura depende muito mais do bom senso e da habilidade do professor que de uma hipotética e inexistente classe homogênea.

Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem num primeiro momento em oportunidades para ler o que a criança se interessar. Se o professor acreditar que, através da leitura de um conto, estará ajudando a desenvolver a personalidade e a construir o imaginário, além de informar, instruir e criar o prazer da leitura encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar pelas histórias, vai querer buscar o seu “eu” no livro.

Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o um conto de fadas proporciona. Enfim, a literatura infantil é um amplo campo de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para o imaginário e a formação de opinião através da leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **A Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. Editora: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARDOSO, Camilo; VALSASSINA, Manuela. **Arte Infantil: linguagem plástica**. Projeto Científico. ed. Lisboa: Presença, 1988.

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: 2000.

COELHO, Nelly Moraes. **O conto de Fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

GRAVES, Robert. **A Deusa Branca : uma gramática histórica do mito poético**. Rio de Janeiro : 2003.

MENDES, Mariza .B.T. **Em busca dos contos perdidos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

POSTIC, Marcel. **Filosofia Educacional**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Projeto Científico, 1996: retirado do site: www.scribd.com/.../Vladimir-I-Propp-Forense-Universitaria-MORFOLOGIA-DO-CONTO-MARAVILHOSO.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da mente**. Projeto Científico, 1998: retirado do site: www.scribd.com/.../ARTIGO-A-formacao-social-da-mente-AutorVygotsky.